

* 7 DEZ 1992

KURT PESSEK

JORNAL DE BRASÍLIA

Os deputados federais vão embolsar em dezembro 120 milhões. Li na coluna da excelente jornalista Marlene Ana Galeazzi. Voltei a ler. Isto mesmo. 120 milhões. E foi para isso que lutamos pela liberdade, ou seja, a liberdade de os legisladores estabelecerem o quanto vão ganhar — eles e seus protegidos — e nós nem podemos dizer não. Se foi por esse tipo de democracia, desculpem, nada valeu.

Muitos não sabem que a única profissão capaz de decidir o próprio salário, e cujo patrão é obrigado a desembolsar, está encastelada no Poder Legislativo. O patrão somos nós, os que pagam a preço de ouro esse absurdo. Nós, os desempregados, os subempregados, os miseráveis, os desnutridos, os sem-terra, os devalidos, os desdentados, ou seja, todos os que compram farinha para ao menos sobreviver.

Depois dizem que a história não se repete. Notícias desse tipo antecederam os regimes ditatoriais. As câmaras, lideradas pela famosa gaiola de ouro do Rio de Janeiro, se conspurcaram e se degradaram a partir de salários incompatíveis com a maioria da população. Por causa disso, quando dos enterros do Legislativo no Brasil, o povo folgava, aplaudia até. "Bastava alguém gritar 'morra a camorra!'", que o povo repetia em coro: "morra!" — Vital Pacifico de Passos.

Desafio que publiquem o quanto custa a nós o funcionamento das câma-

ras legislativas. Somente os salários os custos administrativos, mais as benesses e mordomias, depois calcule o valor da hora efetiva de trabalho dos eleitos. O resultado será assustador, garanto. Cento e vinte milhões de cruzeiros passa longe de ser descalabro, é deboche quando a recessão assola o povo, quando a fome e a peste dizem a população, quando o desemprego, às vésperas do Natal, amedronta e acovarda o assalariado, quando os médicos e professores — e com eles todos os outros — se "afavelam" por falta de um salário digno.

Mas nós ficaremos satisfeitos ao saber que nossos representantes, os advogados dos pobres, terão Natal confortante. Nédio e gordo peru lhes enfeitará a ceia e todos seus parentes estarão agasalhados e protegidos. Talvez naquele momento solene, quando elevarem as preces aos céus para agradecer a abundância, pelo menos venham a lembrar dos pacóvios que lhes garantiram a fartura. Dos muitos que nem a côdea de pão velho têm para roer.

É hora de se perguntar aos nossos defensores que obra maravilhosa realizam capaz de justificar tais proventos? Onde, no permeio de poucos legisladores e muitos leguleios, há saber tão elevado que exija salários de tal monta? Quantos e quais benefícios auferimos com suas defesas e teses?

Volto a lembrar das últimas elei-

ções. De lá para cá, nada de importante ocorreu, apesar das copiosas e embaixadas promessas. Bem ao contrário. Os ventos da recessão continuam a nos assolar sem tréguas, os gêneros alimentícios aumentam muito acima dos salários (dos nossos, evidente, não os dos legisladores), a classe média cada vez mais se proletariza, as falências aumentam, as filas de desempregados espicham a cada dia, a violência grassa impune a humilhar o povo e outras tantas maldições nos assombra. E no final disso tudo, os nossos representantes têm a coragem de receber cento e vinte milhões de cruzeiros pelo trabalho de dezembro? Ponham a mão na consciência. É um absurdo.

Estarrecedor é constatar-se que até mesmo os frenéticos defensores do populacho, os ditos advogados dos mais pobres, os chamados irreduzíveis protetores dos que nada possuem, os arroubados arautos da equidade na distribuição de renda se calam deleitados ante a oportunidade de um Natal de rico à custa do erário. A verdade é uma só: Mateus, primeiro os teus.

Aos poucos, nós constatamos que toda luta por direitos, liberdade e justiça termina no bolso. A continuar assim, não tarda alguém volte a suspirar saudosamente pelas nossas antigas ditaduras.

Bom Natal — de 120 milhões — excelência!

■ Kurt Pessek é escritor